

UM OLHAR PARA A PRODUÇÃO DE SAÚDE AMBIENTAL E DE RELAÇÕES COM A NATUREZA EM ESCOLAS AMAZÔNICAS

Eliene Alves Barcelos do Carmo¹

Jackeline Moura do Carmo²

Juverlande Nogueira Pinto³

Karina França de Oliveira⁴

Rafael Christofolletti⁵

Resumo: O presente trabalho coloca em discussão o papel da escola como um importante dispositivo potencializador para pensar e criar uma vida planetária sustentável e longa. O texto aborda as inquietações de duas professoras e duas supervisoras ao perceberem que a escola não pode ausentar-se das discussões contemporâneas acerca das questões ambientais, provocadas pelo consumo indiscriminado e imprudente dos recursos naturais. Para isso, apoiamos-nos nas ideias de Tiriba (2023), Guattari (1990) e Barbieri (2020). Compreendemos que, para produzir rupturas das/nas práticas que separam o ser humano da natureza, é necessário pensar em outras possibilidades de cotidianidade escolar.

Palavras-chave: Vivências Pedagógicas; Humano; Natureza; Cotidiano Escolar.

Abstract: This work discusses the role of school as an important enabling device for thinking about and creating a sustainable and long-lasting planetary life. The text addresses the concerns of two teachers and two supervisors when they realize that the school cannot be absent from contemporary discussions about environmental issues, caused by the indiscriminate and reckless consumption of natural resources. To do this, we rely on the ideas of Tiriba (2023), Guattari (1990) and Barbieri (2020). We understand that, to produce ruptures in/in the practices that separate human beings from nature, it is necessary to think about other possibilities for everyday school life.

Keywords: Pedagogical Experiences; Human; Nature; School Daily Life.

¹Universidade Federal de Rondônia. E-mail: lnbarcelosdocarmo@gmail.com,
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9296067468981386>

²Universidade Federal de Rondônia. E-mail: jackelinecar73@gmail.com.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5461961703464211>

³Universidade Federal de Rondônia. E-mail: juverlandepinto@gmail.com.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1994712526665102>

⁴Universidade Federal de Rondônia. E-mail: pedagogakarinapvh2018@gmail.com.
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0156454481633734>

⁵Universidade Federal de Rondônia. E-mail: rafael.c@unir.br.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0508510528118073>

Introdução

A Agenda 2030 trata de um plano de ação de ordem mundial, constituído a partir de discussões sobre a sustentabilidade do planeta e do fortalecimento da paz entre as nações. Busca reconhecer que a erradicação da pobreza, em todas as suas formas e dimensões, incluindo a pobreza extrema, é o maior desafio global, além de um requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável (Barbieri, 2020).

Definida pela Organização das Nações Unidas, essa agenda é composta por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, além de 169 metas para alcance do desenvolvimento nas dimensões econômica, social e ambiental, a fim de validar os direitos humanos, promover a igualdade de gênero e o empoderamento feminino. Os objetivos e metas foram estabelecidos para que se cumprissem no decurso de 15 anos, a contar de setembro de 2015, Barbieri (2020). Isso leva-nos a pensar na responsabilidade e comprometimento da escola, enquanto formadora neste processo.

A agenda supracitada nos faz pensar nas questões escolares. Como a educação escolar pode contribuir, no sentido de sensibilizar-se, assim como o público atendido no âmbito escolar, quanto aos temas que envolvem a natureza, compreendendo que o ser humano não ocupa simplesmente os espaços ou apenas utiliza-se da natureza como fonte de subsistência, mas que, principalmente, o ser é natureza. Neste sentido, que práticas pedagógicas podem ser pensadas? Qual a dimensão da importância da educação escolar para a produção de novas relações, sensibilidades e uma cultura de sustentabilidade, permanência e promoção da vida?

Como sensibilizar estudantes no cotidiano escolar acerca da ação humana nas queimadas e catástrofes naturais, se a educação sistematizada afasta crianças e adolescentes dos ambientes naturais? O que pode uma educação voltada para a sustentabilidade? Para a natureza? Que potência têm uma educação com o olhar voltado para o cuidado do planeta?

Muitas vezes o cotidiano escolar não contempla práticas voltadas a fomentar as relações dos estudantes consigo, com os outros, com a natureza e de sua integralidade com ela. Mesmo constando nos currículos, a Educação Ambiental não abarca transversalmente outros campos do saber e ainda é tratada sem prioridade. Tal distanciamento tem impactos na formação acadêmica, na constituição de si e na construção de compromissos com a sustentabilidade da vida.

Guattari (1990) destaca que diante de um contexto de reprodução incessante do capital e de desequilíbrios ecológicos, os modos de vida humanos (individuais e coletivos) estão em processo de deterioração, apontando para a necessidade de articulação também com dimensões social e subjetiva; da relação do homem com o meio ambiente, com o outro e consigo mesmo.

A partir destas inquietações, colocamo-nos em movimentos de experimentação, com possibilidades de educação escolar que aproxime os estudantes às questões ambientais, sua manutenção e co-construção sustentável. Como criar rupturas com uma educação escolar cartesiana e provocar uma educação escolar outra? Comungamos com Tiriba et al (2023, p. 5) “Na contramão do cartesianismo, nós somos a natureza, ela não existe separada de nós.” Nesse sentido, continuaremos a tecer a conversa em experimentações com a natureza.

Assim, o texto apresenta um estudo de abordagem qualitativa, com observações cotidianas de projetos e ações desenvolvidas no sentido de pensar e discutir a sustentabilidade e a construção de outras relações e sensibilidades para/com a natureza de estudantes do ensino médio e crianças da educação infantil. As instituições nas quais o trabalho foi desenvolvido são 03 escolas públicas da região Amazônica, sendo duas de Educação Infantil e uma do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Os principais instrumentos de pesquisa foram bibliográficos e a observação dos participantes.

Ecosofia, cuidado, meio ambiente e Escolas Amazônicas

Guattari (1990) destaca que, além dos desequilíbrios ecológicos que presenciamos, nossos modos de vida também se encontram em processo de deterioração. Para ele, faz-se necessário uma revolução política, social e cultural que reoriente os objetivos da produção de bens materiais e imateriais (tanto em termos macro, quanto micro).

Segundo o autor, há um processo contínuo de desenvolvimento tecnológico e novos meios técnicos-científicos, potencialmente capazes de lidarem com a problemática ecológica, contudo, mais do que nunca, presenciamos “uma incapacidade das forças sociais organizadas e das formações subjetivas constituídas de se apropriar desses meios para torná-los operativos” (Guattari, 1990, p 12). A escola é um espaço para aprender, ensinar, interagir, e construir relações consigo, com o outro, com a comunidade. Relações que suplantam os livros didáticos, as exigências de avaliações externas, e que podem produzir afetos pela coletividade e manutenção de uma vida saudável e prolongada. Como as escolas Amazônicas têm pensado suas práticas pedagógicas? Que espaço existe cotidiano escolar para práticas de cuidado ambiental e sustentabilidade?

O local onde a escrita se experimenta é o contexto Amazônico. A Amazônia é uma das regiões mais ricas em biodiversidade do planeta e desempenha um papel crucial na regulação do clima global. No entanto, a degradação ambiental e as práticas predatórias e insustentáveis tem sido a tônica e têm ameaçado a permanência dos ecossistemas e das populações locais. Partimos da ideia de que as escolas Amazônicas podem desempenhar um papel fundamental na sensibilização e mobilização para a construção de práticas molares e moleculares calcadas na ideia de um cuidado com a vida em todas as suas dimensões, sobretudo, a ambiental.

Revbea, São Paulo, V. 20, Nº 1: 158-169, 2025.

A escola se apresenta como um espaço potente para a Educação Ambiental; um espaço para deslocamentos e desterritorializações que podem transformar a relação das comunidades com o meio ambiente. Estudos indicam que programas de Educação Ambiental em regiões vulneráveis, como a Amazônia, podem aumentar o conhecimento dos estudantes sobre sustentabilidade e motivar práticas de preservação (Souza, 2018). Além disso, Freire (1996) defende que a educação deve estar atrelada à realidade dos estudantes, sendo contextualizada para a sua cultura e vivências.

Outrossim, com todos os materiais que constituem os parâmetros de atividades escolares e as discussões apresentadas, equipes de algumas escolas localizadas na região Amazônica têm percebido que o comportamento dos estudantes em preservar tem sido ínfimo. Ficam alguns questionamentos: como pensar uma educação para a sustentabilidade? Que escola outra pode ser pensada para a construção de práticas de cuidado com a vida, consigo, com o outro e com a natureza?

As famílias dos estudantes que residem no campo, majoritariamente, não cultivam alimentos, pois o espaço é destinado, quase sempre, à agropecuária, o que requer o plantio de pastos, em detrimento de uma diversidade de recursos naturais.

E, como escola, a busca em alertar precisa ser incessante, porém em seus discursos, os estudantes têm olhos brilhantes ao falarem de conquistas futuras, de recursos financeiros por meio também de derrubadas, mesmo tendo muita capacidade para galgarem outros caminhos por meio dos estudos. Tudo isso pode também estar ligado a outras questões políticas e sociais.

A Educação Ambiental se torna, então, uma ferramenta essencial para ensinar às novas gerações a importância de preservar a natureza, mantendo o equilíbrio ecológico e construir práticas de cuidado consigo, com o outro, com o mundo e com todas as formas de vida.

Em razão do desmatamento e queimadas de interesse capitalista, passamos meses inalando fumaça tóxica, sem contemplarmos o céu azul e as nuvens, pois só se via fumaça. Esta adentrou os corredores das escolas e impediu atividades externas. O lazer ao ar livre, por alguns meses, tornou-se prejudicial à saúde, como mencionado na reportagem do G1 Rondônia, “Pela quarta semana consecutiva, Porto Velho amanheceu coberta por uma densa camada de fumaça nesta quinta-feira (29). O céu azul, citado no hino de Rondônia, foi substituído por “cinza” causado pelas queimadas na Amazônia” (G1,2024). Isso nos provoca a pensar em algumas questões: que educação outra pode acontecer que possa dar espaço para discutir a degradação da natureza? Que potencialidades uma escola sustentável pode produzir para a vida?

Conexões de crianças pequenas com a Natureza Amazônica

A perspectiva acerca da temática na Educação Infantil busca promover momentos de interação e conexão e aproximar relações entre seus pares e com o meio natural, incentivando crianças de três a cinco anos, a partir da creche, a vivenciar experiências com o meio ambiente. Nesta perspectiva, uma escola que atende público da primeira infância, localizada na zona leste de Porto Velho/RO, iniciou um projeto em 2022 com a temática de estudo “Meio Ambiente”, o qual já tem três anos de execução.

O projeto tem o objetivo de sensibilizar as crianças acerca das relações interconectadas entre vida humana e o meio ambiente e da necessidade de atentar-se à dimensão do cuidado. Apresenta como objetivos específicos a abordagem que oportuniza às crianças pensar nas diversas relações com o meio ambiente. As atividades são planejadas no coletivo, entre professoras da creche, professoras da pré-escola e coordenação.

No primeiro ano de execução na escola, o projeto contou com a parceria da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SEMA) que disponibilizou, aproximadamente, trezentas mudas de plantas diversas como: Açaí, Buriti, Ipê, Ingá, Araticum e Araçá para as crianças exercerem a aprendizagem da ação do plantio e conservação das plantas em suas residências. Esta ação (plantio de espécies Amazônicas) contemplou a participação e o envolvimento das famílias ativamente com as crianças.

No ano de 2023 o projeto continuou em desenvolvimento. A equipe gestora da unidade escolar proporcionou a pintura do muro, que fica aos fundos de cada sala de aula, organizando assim, um espaço mais alegre para que cada turma tenha espaços de jardinagem, um espaço de interação coletiva com cuidados diários com a natureza. Os espaços externos da sala receberam cores diferentes nas paredes e alguns pneus e ganchos para disposição das plantas. Neste ano, o planejamento dos espaços teve uma dinâmica diferente: as famílias se responsabilizaram por providenciar as mudas. As crianças trouxeram de casa para a escola, onde as professoras trabalharam com elas a identificação das plantas, além de fortalecerem a importância do cuidado e da conservação das áreas verdes reservadas para elas.

No ano de 2024, as principais atividades realizadas foram rodas de leitura com a temática envolvida. Os momentos foram vivenciados no espaço da sala referência, sala de leitura e miniteatro. As professoras realizaram rodas de conversas no pátio, com discussão sobre atitudes e vivências que concorrem para a preservação da natureza e de si, como parte integrante do ecossistema. Também, apresentação de vídeos, acerca dos cuidados necessários à natureza, a fim de que tenhamos melhor qualidade de vida.

As atividades foram: vivências com o plantio no jardim da escola, produções de cartazes confeccionados coletivamente, na perspectiva das crianças quanto aos cuidados com o ambiente, atividades em salas com a abordagem do tema desmatamento e seletividade dos resíduos (Figura 1 –

cartaz sobre o desmatamento e resíduos sólidos). Muitas outras atividades foram desenvolvidas na rotina semanal em sala, como adubagem e plantio das mudas que chegavam por meio das famílias, que também foram envolvidas. Houve momentos de atividades coletivas com parlendas e outras que despertaram atenção das crianças, aproximando-as do contexto ambiental, com a participação efetiva das famílias.



Figura 1: cartaz sobre o desmatamento e resíduos sólidos. **Fonte:** SEMED/PVH/RO/2024.

Algumas atividades contribuíram para que as crianças construíssem uma sensibilidade acerca da questão ambiental com o que geralmente escutam em telejornais ou em vídeos. A discussão, desde a Educação Infantil, faz-se importante para a construção de uma educação que promova comprometimento com a vida no planeta, a começar pela primeira infância.

Após o plantio, as crianças continuaram com cuidados cotidianos com as plantas. Guattari (1990) aborda no livro “As três Ecologias” que somente uma articulação ética-política, denominada Ecosofia, com base nos três níveis ecológicos: subjetividade humana, social e ambiental, é capaz de responder às problemáticas ambientais.

O cotidiano escolar foi tomado por modos de vivências, pois agora, as crianças tinham em sua rotina o cuidado com as plantas. Durante o desenvolvimento do projeto foram acontecendo alguns movimentos de construções de afetos, como também interação e conectividade entre as crianças de outras turmas, os adultos e a natureza.

O projeto encontra-se em andamento na rotina escolar. Apesar de organizarmos um dia para a culminância, compreendido após duas semanas de grandes experiências com a temática abordada, como a organização de um espaço para as exposições de todas as atividades construídas, não encerramos, ou seja, houve um encerramento com a temática, mas há uma continuidade, tendo em vista que entendemos que somos seres em contato direto com a natureza e precisamos da natureza para viver.

No dia da exposição, as famílias participaram, acompanhando os trabalhos. As experiências foram significativas, a expressão das aprendizagens construídas e consolidadas. Entre os trabalhos tivemos: cartazes com textos de parlendas, maquetes, quebra-cabeças, desenhos, pinturas e exposições de diversas mudas de plantas medicinais, entre outras.

Como o projeto está em andamento, pensamos ser uma possibilidade de construção de novas práticas cotidianas com as crianças pequenas, além da construção de relações outras e, por que não dizer, culturas outras.

Experimentações Infantis e constituição de singularidades

O loco desta experimentação é um residencial onde habitam 593 famílias, consideradas em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Sua formação trata-se de uma iniciativa do governo federal. Até o momento, o CMEI é a única instituição de ensino nesta comunidade.

Em razão do pouco tempo de existência, o Centro ainda não recebia recursos dos programas que, de praxe, atendem às Instituições de Ensino. Também não dispõe de parque ou brinquedos de outra natureza. Foi proposto então a participação da comunidade na organização dos espaços: crianças e famílias protagonistas neste espaço de aprendizagem.

A equipe gestora propôs o tema "Uma Escola no Bosque" - em alusão à localização do CMEI, corroborando para a constituição de identidade das crianças e de suas famílias.

A coordenadora pedagógica, juntamente com as professoras, pensou as etapas (doze semanas). A ideia foi desenvolver um projeto que, concomitantemente, desse conta dos objetivos: a) constituição de identidade - protagonismo das crianças e famílias na organização da escola; b) potencializar o desenvolvimento integral das crianças (físico, cognitivo e socioemocional), considerando os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, preconizados nas Orientações Curriculares de Ji-Paraná: conviver, brincar, explorar, participar, expressar e conhecer-se; c) formar um ateliê de artes, com perfil sustentável, a partir de material não estruturado e recicláveis, captados pelas famílias, juntamente com as crianças; d) durante a execução do Projeto, proporcionar atividades relacionadas a todos os Campos de Experiências: O eu, o outro e o nós, Corpo, gestos e movimentos, Traços, sons, cores e formas, Escuta, fala, pensamento e imaginação, Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações, inerentes ao currículo da Educação Infantil, alternada ou paralelamente; e) construir um hiperbook, para cada turma: rosa, amarelo, branco e roxo, com as preferências das crianças (comida, animal de estimação, brinquedo); o que querem ser quando crescer; localização das residências; foto da turma; foto da equipe escolar; mensagem das famílias; f) estreitar o elo de participação das famílias no ambiente escolar;

A abordagem dos temas na sala referência (assim denominada a sala ocupada pela turma, de acordo com o agrupamento - 3, 4 ou 5 anos -, considerando os demais espaços do ambiente escolar como espaços de

Revbea, São Paulo, V. 20, Nº 1: 158-169, 2025.

aprendizagem) aconteceu por meio de rodas de conversa e produção de artes plásticas, em sala e com as famílias.

Naquele momento, o CMEI atendia a quatro turmas, e cada uma representava a cor de um Ipê. O Maternal II "A", Ipê Branco; Maternal II "B", Ipê Rosa; Pré I, Ipê Roxo; Pré II, Ipê Amarelo. Todo o material das crianças e das salas tinham as cores escolhidas. As rodas de conversa giravam em torno das especificidades de cada ipê (período em que florescem, altura, tipos de folhas etc.).

Todas as segundas-feiras, as famílias entregavam o material não estruturado, captado no decorrer da semana. A equipe escolar, de apoio, agentes de vigilância, professoras, gestoras e famílias das crianças participaram efetivamente das atividades.

O Projeto "Uma Escola no Bosque", desenvolveu-se a partir de preceitos da Pedagogia da Alternância, considerando espaços outros como possibilidades de interação, aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

O projeto permitiu, sobretudo às crianças, a possibilidade de experienciar conexões singulares e relações outras com a natureza, com as outras crianças e consigo mesmas (Figura 2).

A cada semana foram abordados temas relativos à identidade social, pertencimento; conceitos de bosque, jardim e floresta; bichos e animais de jardim; preservação da natureza. Uma das últimas atividades foi a visita de estudos, no Viveiro Municipal (Figura 3). Lá, as crianças tiveram contato com árvores e plantas estudadas durante as etapas anteriores do projeto, especialmente o Ipê, que dá nome ao bairro, onde estão localizados o CMEI e a maior parte de nossas crianças. Conheceram também uma espécie de abelha em seu habitat natural, provaram do mel, colheram frutas e fizeram um piquenique. Ao término da visita, as crianças ganharam mudas de ipês, para plantarem no entorno do CMEI.



Figura 2: Interação com o outro e com a natureza.

Fonte: Arquivos CMEI/Ji-Paraná/RO/2024



Figura 3: Visita ao Viveiro Municipal.

Fonte: Arquivos CMEI/Ji-Paraná/RO/2024

Experiências outras em uma Escola Amazônica de Ensino Fundamental II e Ensino Médio

No ano de 2021, em uma Escola de Ensino Fundamental II e Médio no município de Ministro Andreazza, Rondônia, com aproximadamente 7.000 (sete mil habitantes) na Amazônia Ocidental, foi realizado um trabalho sobre a compostagem, com estudantes e professores. Uma proposta que perpassou diversos componentes curriculares, construída por meio do Projeto: “Transformar o conhecimento em prática de preservação do solo, no ambiente escolar”. Construído na semana pedagógica, no início do ano letivo, pela equipe escolar, mediante as discussões que culminou em atender uma necessidade percebida pelos envolvidos. A escola firmou uma parceria com o Instituto Federal de Rondônia - IFRO, que ministrou palestra aos estudantes, sobre compostagem e plantio, utilizando a matéria orgânica.

Em segundo momento, os estudantes também se debruçaram sobre o tema com pesquisas para aprofundamento dos estudos.



Figura 4: Materiais utilizados na composteira.
Fonte: SEDUC/RO/2021.



Figura 5: Momento do plantio.
Fonte: SEDUC/RO/2021.

No terceiro momento, construídos os conhecimentos acerca do assunto, se movimentaram para a produção da composteira. Estudantes e professores se organizaram na divisão de tarefas. Os estudantes compreenderam, por exemplo, que a matemática está presente na produção da composteira (Figura 4), não apenas na teoria, mas principalmente na sua utilização na vida cotidiana. Após a construção da composteira, os estudantes ganharam uma semente e ficaram incumbidos do seu plantio e cuidados diários (Figura 5).

Estas aproximações desemparedam os estudantes, conectando-os às questões sociais e, muito mais, das suas relações com a natureza e a importância do envolvimento de todos para a sustentabilidade da vida.

Juntos se debruçaram sobre um compromisso único e coletivo, o plantio das mudas na escola, as trocas de experiências, enquanto responsáveis pelo espaço escolar, bem como pelas relações nele estabelecidas. Guattari afirma:

No futuro a questão não será apenas a da defesa da natureza, mas a de uma ofensiva para reparar o pulmão amazônico, para fazer reflorescer o Saara. A criação de novas espécies vivas, vegetais e animais, está inelutavelmente em nosso horizonte e torna urgente não apenas a adoção de uma ética ecosófica adaptada a essa situação, ao mesmo tempo terrificante e fascinante, mas também de uma política focalizada no destino da humanidade (Guattari, 1990, p. 52).

O autor reforça que, ao pensar nas questões que envolvem sustentabilidade e preservação do ecossistema, é imprescindível pensar também as relações humanas, as interações e a justiça social. Outrossim, o respeito à subjetividade e à saúde mental, neste caso, do público-alvo da educação escolar. Conforme Guattari, a promoção de modos de ser e pensar são essenciais para o enfrentamento aos desafios ecológicos emergentes.

O diálogo sobre estas dimensões no âmbito escolar está intrinsecamente ligado ao modo de existir no mundo. A relação do ser consigo e com o outro incide na forma como relaciona-se e percebe-se a natureza.

Assim, considerando a experiência dos estudantes na atividade proposta, notadamente, foram envolvidos por um aprender significativo e exploratório, pautados em movimentos que os afetaram a sensibilizar do compromisso que todos precisam ter com a sustentabilidade ambiental.

Desse modo o incentivo à preservação ambiental do planeta terra, requer a contribuição dos envolvidos no espaço escolar, a princípio do gestor escolar, contagiando a todos no dia a dia da comunidade escolar. Considerando que não podemos nos deter em apenas uma etapa de um projeto, mas sim manter uma continuidade em que os seres humanos possam afetar e ser afetados pela coletividade, envolvendo-se no desenvolvimento de conhecimentos, valores e atitudes que contribuem para a construção de uma sociedade de direitos, ambientalmente justa e sustentável.

Ademais, persistir nesse objetivo consiste em compreender que não há resultados imediatos. Será que no espaço escolar ainda há muito o que se aprender, para desenvolver a sua contribuição na sustentabilidade?

Consideramos que, quando se deseja contribuir, já há um avanço de postura, porém quando não se tem ainda a compreensão suficiente ou quais estratégias utilizar, pode ocorrer uma fuga do objetivo. Todavia, mesmo que a equipe escolar tenha posto em seu Projeto Político Pedagógico, que desenvolve atividades voltadas para o sustento ambiental, há sempre algo a ser desterritorializado.

Guattari (1990, p.15) problematizou as práxis humanas nos mais variados domínios, a fim de expressar as formas de como o sujeito interage entre si e com o meio ambiente, e isso chamou de Ecosofia, que requer desse sujeito desenvolver práticas específicas que tendem a modificar e a reinventar

maneiras em todos os campos onde se faz presente, em todo o tempo.

Nesse sentido, os problemas ambientais pensados pela equipe escolar dessa escola, foi apenas um pontapé, considerando que os estudantes apresentaram, a princípio grande engendramento, realizaram todos os pontos do projeto, inclusive o plantio das mudas. Porém, no decorrer dos processos, eles não se apropriaram em cuidar do jardim, tampouco em buscar alternativas para o cuidado com os demais espaços da escola. Isso aponta para o quanto precisamos continuar movimentando atividades para a preservação ambiental, sabendo que constitui a evolução da sociedade ali representada.

Assim, pensar que subjetividade implica e significa a percepção do mundo em que cada um vive, nosso modo de pensar e agir para preservar e cuidar do meio ambiente. De acordo com a Ecosofia, proposta por Guattari, o que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre nesse planeta, no contexto da aceleração das mutações técnicas-científicas e do considerável crescimento demográfico. Dessa forma, é possível compreender que a Ecosofia é mais que uma reflexão sobre ecologia, natureza e subjetividade humana, é uma busca por ações concretas, levando em consideração a interação do homem com o meio ambiente.

Algumas considerações

Com todos esses movimentos das experiências desses estudantes, as conexões das crianças pequenas com a natureza na região amazônica, focando em projetos educacionais que visam desenvolver a sensibilidade da preservação ambiental desde a infância, e estudantes do Ensino Médio de escolas no contexto amazônico, iniciativas que visam incentivos práticos e cotidianos sustentáveis e promissores para as futuras gerações.

A proposta educacional na escola de Educação Infantil está centrada na criação de laços afetivos e de responsabilidade das crianças em relação ao meio ambiente. As atividades envolvidas favorecem esse envolvimento com a temática, com o objetivo de aproximar as crianças de três a cinco anos da natureza amazônica. Em especial, o projeto busca sensibilizar as crianças acerca da importância da preservação do meio ambiente e do incentivo à participação e responsabilidades de cada uma nestas questões.

A busca pela sensibilização de adolescente e jovens, indica que a introdução de práticas como a construção da composteira, o plantio de mudas e a conservação de espaços naturais teve um impacto significativo, ajudando a desenvolver uma compreensão da importância dos recursos utilizados na composteira, o cultivo das sementes, assim como o cuidado com o solo.

A continuidade das atividades supracitadas, ao longo dos anos, é importante para a construção de uma cultura outra junto à natureza, assim com a vida prolongada do planeta, promovendo o senso de responsabilidade. Através de vivências cotidianas com sustentabilidade em uma escola que

podem ser potencializadoras da sensibilização para compreensão do ser humano como ser que é natureza.

A sustentabilidade, como defendida pelo artigo, é um aprendizado contínuo que exige o envolvimento de todos os atores escolares e da comunidade. A proposta de Guattari de uma "ética ecosófica" para enfrentar os desafios ambientais futuros é um caminho que precisa ser constantemente reforçado nas práticas educacionais.

Agradecimento

À Universidade Federal de Rondônia, por meio do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação Escolar, do Mestrado e Doutorado Profissional, por tornar possíveis inúmeras experiências na pesquisa, que enriquecem nosso processo formativo.

Referências

ARBIERI, J. C. **Desenvolvimento sustentável**: das origens à Agenda 2030. Editora Vozes, 2020. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=KzcDEAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=agenda+2030&ots=xjrcYGW_LN&sig=Bh93CQ1zCcdYVh_bzZ3L1XtruVA#v=onepage&q&f=false.

Acesso em: 15 de Jul de 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

G1. Rondônia, Porto Velho, 2024. Disponível em : <https://g1.globo.com/ro/rondonia/não/2024/08/29/antes-e-depois-paisagens-de-r-são--encobertas-por-fumaca.g>. Acesso em 06.11.2024.

GUATARRI, F. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

SOUZA, M. E. **Educação Ambiental e desenvolvimento sustentável**: uma abordagem para a Amazônia. Revista de Estudos Ambientais, 2018.

TIRIBA, L.V.; SANTOS, Z.C.W.N. SCHAEFER, K.A.B. Na contramão da BNCC: do emparedamento colonizador ao livre brincar. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 39, e86018, 2023.